

O HUMOR NA CAPA – UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO¹

Daniervelin Renata Marques
UFMG

RESUMO

Por meio da semiótica francesa, fundada por Greimas, o estudo aqui apresentado foi feito com o objetivo de desvelar estratégias geradoras do sentido em textos humorísticos de um jornal virtual. No número 12 de *Na Capa* foram empregadas algumas ferramentas do nível discursivo e do fundamental para apresentar os textos sincréticos em sua riqueza de relações, textos esses que constituem interessante instrumento no processo ensino/aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica francesa; efeitos de humor; ensino

O jornal virtual *Na Capa* tem uma organização que privilegia imagens e cujo texto verbal é baseado em frases simples e de efeito humorístico. Um texto maior serve de introdução e editorial para o jornal. Nesse texto, a preocupação é situar a edição do jornal, lançar os principais temas abordados no número e, como se apontará com mais detalhes neste artigo, envolver o leitor em uma sedução que o prenderá na leitura dos outros textos².

¹ O trabalho foi realizado com base nas discussões sobre a teoria semiótica na disciplina de mestrado “Seminário de Tópico Variável em Análise do Discurso: Semiótica greimasiana, da teoria *standard* aos desdobramentos atuais”, lecionada pela Profa. Dra. Glaucia Muniz Proença Lara.

² FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica, em *Organon*. Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 163-173, 1995. A semiótica francesa, embora não ignore que o texto seja um objeto histórico, dá ênfase ao conceito de texto como objeto de significação e, por conseguinte, preocupa-se fundamentalmente em estudar os mecanismos que engendram o texto, que o constituem como uma totalidade de sentido. Os textos podem ter a forma de música, teatro, cinema, imagem, etc.

Em seguida, várias tirinhas e charges são inseridas sem uma organização sistemática de seqüência, mas de forma a aproveitar melhor o espaço da página. Em geral, dois personagens conversam através de pergunta/resposta, mas alguns textos são produzidos por um único personagem expressando uma reflexão crítica e irônica.

Os primeiros textos são sobre um tema central ao qual o jornal é dedicado; no número escolhido, a questão privilegiada foi a religião. Logo após, é exposta uma seção chamada “As ‘Aventuras’ de supercrédito”, uma parte dedicada às surpreendentes soluções dadas pelo protagonista aos diversos problemas financeiros apresentados pela “classe média e oprimida”.

Por fim, assuntos recentes são recolhidos da realidade nacional e criticados também por meio de charges e tirinhas. No número 12, que será estudado, é enfocado o evento de Rock ocorrido, no início de 2006, com as bandas U2 e Rolling Stones.

Passamos, em seguida, à abordagem de alguns textos do jornal *Na Capa* com a aplicação da teoria semiótica de linha francesa, iniciada por A. J. Greimas, em 1960, seguindo a linha de estudos do lingüista estruturalista Saussure.

A semiótica de linha francesa delimita três níveis de análise do texto: o fundamental, mais profundo e elementar, em que se projetam categorias opostas; o narrativo, em que ocorrem as relações lógicas entre sujeito e objetos e, finalmente, o nível discursivo, mais complexo, em que se focalizam as estratégias de argumentação e persuasão mais diretamente ligadas ao plano enunciativo.

Será utilizado o nível discursivo para análise do texto escolhido, pois, sendo o discurso o local por excelência de desvelamento da enunciação³ e de manifestação dos valores assentados no texto, tal abordagem auxiliará como ferramenta para a busca dos seus sentidos e, principalmente, na investigação de como o texto é produzido através das estratégias de argumentação e persuasão. Também utilizaremos o nível fundamental em alguns momentos para percepção de categorias mais abstratas do texto.

³ BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso*. São Paulo, Humanitas, 2002, p. 3. Enunciação é a passagem das estruturas semióticas narrativas às estruturas discursivas, ou seja, é a instância de mediação que produz o discurso. Pode ser definida também como o ato de construir o discurso.

Tem-se, então, um enunciador-editor que produz o discurso sob o percurso temático de comunicação, ou seja, um discurso que visa a uma relação intersubjetiva. O outro lado é o do enunciatário que é manipulado cognitivamente e pragmaticamente pelo enunciador para interpretar o discurso. É importante ressaltar que as pessoas projetadas no discurso fazem parte de um procedimento de categoria pressuposta da enunciação. Sendo assim, os sujeitos são sempre implícitos, nunca podendo ser confundidos com seres ontológicos. Como lembra BARROS (2002: 74), “... o sujeito da enunciação (...) está sempre implícito e pressuposto, nunca manifestado, no discurso-enunciado”.

O discurso crítico, em geral, tem alto poder de persuasão, pois usa de modalizações como o saber para convencer o enunciatário a crer no texto e a interpretá-lo de acordo com o sentido pretendido. Isso depende de um conhecimento prévio e comum entre os dois sujeitos envolvidos no discurso do objeto escolhido, ou seja, o fato, tema ou pessoa que são usados para produzir o humor e crítica. O enunciatário, então, deve assumir um *contrato de veridicção* e verdade discursiva com o enunciador para que o efeito de humor seja pragmaticamente produzido. Assim, o *fazer-crer* ou *fazer persuasivo* do enunciador e o *crer* ou *fazer interpretativo* do enunciatário estabelecem as regras de como o texto deve ser lido. Neste caso, também se pode falar em verdade, pois mesmo se tratando de ilusão contrária, comum em piadas, o efeito de realidade, enunciação e verdade são referenciados.

Aleluia, aleluia, irmãos! Finalmente o *Na Capa* 12 saiu do inferno para sua casa, meu querido leitor (menos). Se bem que não faz muita diferença, não é mesmo? Eu sei como sua família deve ser... Um pai entediado, uma dona de casa cansada, os filhos se recusando a crescer pra tomar independência... cada um odiando o próximo mais que o outro pensando em como tudo poderia ser diferente (VELASCOS, *Na Capa*, n. 12).

No trecho do editorial citado, o contrato é (re)estabelecido entre enunciador e enunciatário, pois o efeito de proximidade é alcançado por vários mecanismos, seja pelo pressuposto de atraso na saída do número 12, pela simulação de conhecimento da família do enunciatário ou pela aspectualização dos elementos discursivos: pessoa, tempo e espaço.

O diálogo entre eu/tu é uma marca responsável pelo efeito de realidade deixado no texto. Ocorre, assim, uma desembregagem actancial enunciativa⁴ em que se propõe o *eu* no enunciado, mesmo sendo ele apenas depósito de sentido, semiologicamente vazio. A desembregagem temporal também é do tipo enunciativa, ou seja, simula o tempo presente no texto, o *agora*. Com relação ao espaço, inicialmente o enunciador situa o jornal numa passagem do *lá* (inferno) para o *aqui* (casa do leitor), sendo este último privilegiado no trecho. Desse modo, a proximidade do enunciatário é buscada pela idéia da presença do jornal no próprio lar dele.

Outros aspectos podem ser citados para o efeito de intimidade, como a linguagem mais coloquial e a presença da forma de tratamento “meu querido leitor”. No entanto, esses aspectos não serão explorados aqui.

Passemos agora às tirinhas e, com elas, à consideração da relação entre expressão e conteúdo.



Fig. 1: *Na capa*, número 12, 23 fev. 2006.

No exemplo citado, há dois atores em comunicação através da seqüência: conselho \Rightarrow pergunta \Rightarrow resposta. As figuras se apresentam no discurso para investir semanticamente os conteúdos narrativos abstratos, neste caso, a crença religiosa. Observando o perfil das figuras, percebemos que o investimento físico faz remissão aos elementos do mundo natural, aqui, a pessoas.

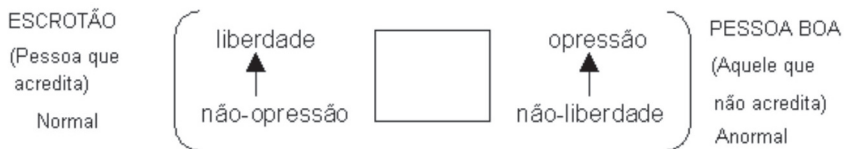
Podemos dizer que sempre há um enunciador que se manifesta no enunciado, mesmo que haja a impressão de que os fatos progridem sozinhos. É o que chamamos de efeitos de sentido, ou seja, uma ilusão causada

⁴ BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: edições 70, 1984, p. 32.

por procedimentos do discurso. Nesse caso, há um enunciador responsável por conduzir a história. Explicitamente, temos dois interlocutores em de-breagem de segundo grau que instauram o discurso direto entre eles, o que chamamos comumente de diálogo.

Com o desenho dos atores, Patrick e Penetra, de presença recorrente no jornal, cria-se uma identidade na leitura e uma facilitação na compreensão do texto. A formalidade no traje cria uma expectativa de seriedade que sofre ruptura com a leitura do texto verbal e, por isso, intensifica a comicidade. Os dois interlocutores questionam o discurso de senso comum e de fundo moralista e chegam a uma conclusão “lógica”. Pensando no enunciador pressuposto e no discurso produzido, interpreta-se uma ironia na pergunta “E se eu não acreditar nele, poderei então ser um escrotão?”, vista como uma “saída” implícita no conselho e uma possibilidade para a libertinagem do segundo sujeito. Sendo assim, as “pessoas normais” são as que acreditam em Deus e, por isso, podem agir desonestamente.

Fig. 2: Quadrado semiótico da tirinha



No quadrado semiótico acima, estão representadas duas categorias semânticas: os valores eufóricos (positivos) relativos à liberdade, designados pela crença e isenção de práticas consideradas boas, e valores disfóricos (negativos) relativos à opressão, designados pela não crença que sugerem a necessidade de boas ações compensatórias. Desse modo, os valores são sobremodalizados no discurso, pois os valores positivos recaem sobre más ações, enquanto os valores negativos se ligam aos que têm boa conduta, apesar da não crença. A contra-dição levada pelo discurso “absurdo” em oposição ao discurso tradicional da igreja provoca o risível como reação esperada do enunciatário.

Cabe lembrar que as relações e as percepções dos valores são construídas no texto, sem uma referência à realidade, uma vez que a teoria semiótica é de base não referencial, ou seja, tem base imanentista.

Com essa crítica, podem-se delimitar dois objetivos pretendidos: o pragmático e o cognitivo, do qual o primeiro depende (a compreensão do ataque à atitude conformista e simplista dos que se acobertam sob a religião e se isentam de serem bons).

Barthes⁵, citado por Pietroforte (2004: 12), fala da articulação entre imagem e palavra. Como diz o semiólogo, “toda imagem é polissêmica, implicando, subjacente aos seus significantes, uma ‘cadeia fluante’ de significados, dos quais o leitor pode escolher uns e ignorar outros”. Quando entre palavra e imagem há uma relação complementar, que se resolve na totalidade da mensagem, como nos diálogos das histórias em quadrinhos, o verbal cumpre função de etapa e é o destinatário, então, que faz uma leitura restritiva e interpretativa do texto, como temos visto.

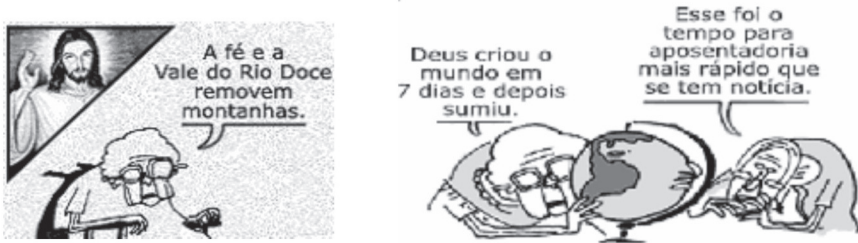


Fig. 3: *Na Capa*, número 12, 23 fev. 2006

Outro ator comum no jornal *Na Capa* é o idoso. O destinatário pode ser levado a reconhecê-lo como detentor de experiência e, por isso, esperar um comportamento sério. É com esse conhecimento e com sua ruptura, que o cômico é alcançado. No primeiro quadro, o enunciador faz uso de um ditado popular para fazer uma paródia. As figuras usadas são a imagem de Deus, a fé, a companhia Vale do Rio Doce e a velhinha, nossa interlocutora, que é carregada de traços caricaturais (os óculos, a curvatura da coluna, etc). Os temas recobertos por tais figuras são a religião e a questão ambiental.

Podemos usar a definição de isotopia para ajudar na leitura dos sentidos do primeiro quadro. Segundo BARROS (2002: 124), “a noção de isotopia conserva a idéia de recorrência de elementos lingüísticos, redundância que assegura a linha sintagmática do discurso e responde por sua coerência semântica”. Segundo essa autora, há dois tipos de isotopias: a temática e a figurativa. Na observação das imagens, percebe-se a isotopia da religião através do uso de

uma idosa e da imagem de Deus no canto esquerdo que se conjugam na idéia de fé. Pela leitura do texto verbal, percebe-se o enfoque na ruptura de sentidos, pois, na mudança do ditado popular, há um acréscimo do prefixo “re-” ao verbo “mover” que concorda com a idéia de devastação ambiental provocada pela empresa Vale do Rio Doce. Tal mudança sobressai ao sentido comum de remoção de dificuldade dado pela imagem de Deus e pelo ditado popular: “A fé move montanhas”.

Sendo assim, o lexema “remover” desencadeia uma segunda isotopia figurativa de desastre ambiental provocado pelo transporte de ferro, promovendo a leitura sócio-ambiental de crítica. O destinatário relê o discurso descobrindo seu fundo de crítica e abandonando o de fé, apresentado apenas pelas imagens. Por isso, a figura da empresa sobremodaliza o tema de poder atribuído ao ser divino.

No segundo quadro, as velhinhas e o globo constituem as figuras e o tema é a aposentadoria. Mais uma vez o idoso é usado pelo enunciador, que faz ligação entre um signo da ciência com a experiência humana para abordar a conhecida demora que as pessoas enfrentam para conseguir o benefício da aposentadoria. O humor é sugerido pelo contraste de tempos e também pela sugestão de que Deus não existe, pois Ele “sumiu” logo depois de criar o mundo. O enunciatário pode interpretar assim: caso Ele estivesse presente, a questão do tempo não seria problema para os idosos se aposentarem. Nesse caso, é preciso usar os elementos do discurso (expressão e conteúdo) como mecanismos, não isolados, mas sempre associados na produção dessa interpretação.

Alguns textos foram explorados semioticamente como mostra de que é possível chegar a conhecimentos mais complexos sobre a construção do texto e de seus sentidos. Com essa abordagem, pretende-se defender o uso de tais estratégias e ferramentas da teoria para um ensino de caráter mais ativo e útil, já que, mesmo sem o uso das terminologias, pode-se utilizar as estratégias como um instrumento de conhecimento do professor antes de trabalhar qualquer texto em sala de aula. A concepção ampla de texto e um embasamento numa teoria do texto pelo docente podem significar um olhar mais aguçado para vários elementos e sua leitura mais crítica. Ressalta-se ainda o uso de textos humorísticos que explorem relações críticas entre o verbal e as imagens como interessante e instigante material de estudo, uma vez que ele exige mais habilidades e pode tornar o ensino mais apazível.

L'HUMOUR DANS LE MAGAZINE *NA CAPA*: UNE ANALYSE SÉMIOTIQUE DU DISCOURS

RÉSUMÉ: À la lumière de la sémiotique française, fondée par Greimas, cette étude a pour but de mettre en lumière les stratégies qui produisent le sens dans des textes humoristiques du magazine en ligne *Na Capa*. L'analyse des textes du numéro 12 emploie quelques catégories des niveaux discursif et profond du parcours génératif pour présenter les textes syncrétiques dans la richesse de leurs relations, ce qui révèle leur utilité dans le processus d'enseignement/apprentissage.

MOTS-CLÉS: sémiotique française; effets d'humour; enseignement

Recebido em: 13/07/2008

Aprovado em: 14/10/2008